

Ficha Técnica

Equipa redactorial: Documento elaborado pela Supra-Região Portugal com base no documento da ERI "A Equipa, comunidade cristã"

Tratamento gráfico: Inês Fernandes.

Impressão:

Registo no Instituto de Comunicação Social:

Depósito Legal:

Propriedade e Administração:

ENS - Equipas de Nossa Senhora (Movimento de Espiritualidade Conjugal)

Av. Roma 96, 4ºEsq – 1700-352 Lisboa

Telefone: 21 609 32 42 - Fax: 21 609 76 77

E-mail: ens@ens.pt - Internet: www.ens.pt

ENS - EQUIPAS DE NOSSA SENHORA
Movimento de Espiritualidade Conjugal

A EQUIPA

Comunidade Cristã

SUPRA-REGIÃO PORTUGAL

OUTUBRO 2007

INDICE

I. Introdução

II. Formar Equipa

1. Uma finalidade comum
2. Um caminho a descobrir

III. Eu Estou Convosco

1. O coração de Cristo
2. Cristo forma uma comunidade
3. O dom do Espírito

IV. Reunidos em nome de Cristo

1. Uma comunidade que acredita
2. Uma comunidade que reza
3. Uma comunidade que ama
4. Uma comunidade que testemunha
5. Uma comunidade que caminha
6. Uma comunidade que celebra

V. Conclusão

Anexo – Textos do Padre Caffarel

Êxito de caridade

É preciso que a caridade fraterna se desenvolva sem cessar na nossa equipa. Quando os casais se exercitarem na entreatajuda e no amor fraterno, a pouco e pouco o seu coração alarga-se. E de próximo em próximo o seu amor ganha a casa, o bairro, o país...até tocar nas margens mais longínquas...

“Quando dois ou três estiverem reunidos em meu nome, promete Jesus Cristo, eu estarei presente no meio deles”.

Presença de Cristo, e portanto presença da Igreja. Onde se amam cristãos, aí está a Igreja. Com a condição de que essa pequena comunidade queira estar ela mesma presente na Igreja, ao serviço da Igreja.

O amor fraterno é duma excepcional fecundidade. Uma comunidade fraterna é uma mensagem de Deus aos homens. A sua mais importante mensagem, a que revela a vida íntima de Deus, a sua vida trinitária. Nenhum discurso sobre Deus é mais eloquente e persuasivo do que o espectáculo de cristãos que “são um” como o Pai e o Filho são um.

Nada glorifica mais a Deus do que cristãos reunidos. É a grande obra-prima da graça divina. Deus põe nela a sua complacência, descobrindo nela um reflexo da sua vida trinitária. “Os céus cantam a glória de Deus”, o amor fraterno canta o amor eterno.

Que seja portanto essa a vossa obsessão: Fazer da vossa equipa um êxito de caridade.

Oração em comum, “Partilha”, “Pôr em Comum”, troca de pontos de vista, são outros tantos meios postos à vossa disposição, para vos permitirem juntar-nos ao nível das almas, “em nome de Cristo”, em Cristo. É grande, muitas vezes, a tentação de parar no limiar da amizade humana. É preciso reagir sem cessar contra isso: a amizade cristã é uma conquista.

à razão de ser do Movimento. É normal que um ou outro destes motivos acompanhe o verdadeiro, mas nenhum deveria ser o motivo determinante.

A única intenção verdadeira, a que corresponde à finalidade das equipas, é a vontade de conhecer melhor a Deus, de melhor o amar e de melhor o servir. Vem-se às Equipas por Deus, fica-se nelas por Deus.

Como é que então certos membros das equipas podem pretender aceitar a Carta se não for esse o seu motivo? É por isso que é preciso muitas vezes verificar a direcção para que cada um está orientado. Tarefa do Responsável e do Conselheiro Espiritual, a quem compete recordar a razão de ser das Equipas...

A lealdade exige que os membros de um Movimento não entrem para ele e não permaneçam nele senão quando a sua intenção corresponde ao ideal que o Movimento propõe. Como seriam fortes, santificantes e irradiantes as nossas equipas se todos os membros não entrassem nem permanecessem nelas senão POR DEUS.

I. Introdução

Formar equipa com outros casais, formar equipa no Movimento das Equipas de Nossa Senhora. É uma graça. É uma tarefa.

Uma graça por pertencermos a uma pequena comunidade à medida humana, onde cada um é conhecido e reconhecido pessoalmente, onde cada um encontra o seu lugar, onde a entreeajuda tem um grande lugar num clima de amizade fraterna. Como é bom para irmãos encontrarem-se!

Uma tarefa porque a pequena comunidade só cumpre o seu papel na medida em que cada casal o cumprir. Tal como o casal, a equipa constrói-se progressivamente. Encaminha-se para um destino que é oferecido mas que se tem de conquistar, que já existe mas que ainda não completamente realizado.

Este pequeno documento tem por fim tornar bem claras as exigências de ser verdadeira equipa. Não para desencorajar mas para estimular cada equipa a caminhar mais e melhor, a crescer como comunidade cristã que é, ao serviço dos casais que a compõem.

A primeira parte: Formar equipa. É como que um empurrão para a reflexão. Depois uma segunda: Eu estou convosco! Para compreendermos verdadeiramente a comunidade cristã, é indispensável referir-nos a Cristo, de onde ela deriva. Por fim, uma terceira parte: Reunidos em nome de Cristo, desenvolverá as consequências para a equipa desta visão da comunidade cristã.

Existe outro documento chamado “A reunião da equipa” que completa este. A separação entre o sentido da equipa e a reunião da equipa é forçosamente um pouco artificial. As duas estão constantemente interligadas, é preciso nunca o perder de vista.

Supõe um círculo com um centro.

Imaginal que esse círculo é o mundo e o centro é Deus.

E os raios, os diferentes caminhos ou maneiras de viver dos homens.

Quando os homens, desejando aproximarem-se de Deus, caminham para o meio do círculo, à medida em que penetram no interior, aproximam-se uns dos outros ao mesmo tempo que de Deus.

Quanto mais se aproximam de Deus mais eles se aproximam uns dos outros.

E quanto mais se aproximam uns dos outros, mais se aproximam de Deus.

E sucede o mesmo em sentido inverso, quando nos afastamos de Deus.

É evidente então que quanto mais se afastam de Deus, mais se afastam uns dos outros, e quanto mais se afastam uns dos outros, mais se afastam de Deus.

Santa Doroteia de Gaza – século VI

(citada por V. Gheorghiu em “ATHENÁGORAS”)

ANEXO - Textos do Padre Henri Caffarel

Por Deus

Após alguns anos de vida de equipa, muitas vezes a crise aparece. Bruscamente ou progressivamente. Porquê? Os casos são diversos. E as razões aparentes nem sempre são as mais verdadeiras.

Esta crise será atribuída a conflitos de temperamento, com a diversidade de cultura ou de educação, aos métodos ou à disciplina do Movimento...

Se procurássemos mais profundamente descobriríamos que se trata dum conflito de intenções.

Chamo intenção ao “fim” que visa uma pessoa ao realizar um acto.

Observemo-lo de perto e veremos que muitas vezes os membros da equipa não vêm à reunião mensal animados da mesma intenção. Como não hão-de seguir-se tensões e conflitos?

A intenção, na verdade, é o que se vê menos e é por isso que muitas vezes se lhe presta menos atenção. No entanto, é o essencial. Que diversidade de intenções, no fundo dos corações, em certas equipas. Um vem mais ou menos puxado pelo seu cônjuge e para lhe fazer a vontade; este casal recém-chegado à cidade, está contente por fazer relações; um outro decidiu-se “porque é preciso fazer alguma coisa”; encontramos também, muitas vezes o caso do casal atraído pela esperança de encontrar um certo apoio para a sua vida conjugal, e talvez em certas cidades seja de bom-tom pertencer às equipas. E depois há os que não têm intenção nenhuma, vêm apenas por rotina para não entristecerem os seus companheiros com a sua partida.

Ora, eu digo que nenhum destes motivos justifica a presença numa equipa. Alguns não são maus, mas nenhum é o verdadeiro, aquele que corresponde

V. Conclusão

A equipa é uma pequena comunidade à medida humana, onde cada um é conhecido e reconhecido pessoalmente, onde cada um encontra o seu lugar, onde a entreatajuda tem um grande lugar num clima de amizade fraterna.

A entrada e a perseverança na equipa são uma resposta a um convite de Cristo que está presente no meio dos que estão reunidos em seu nome, e em quem actua o seu Espírito, fazendo da equipa uma comunidade cristã.

Acolher o Espírito Santo conduz a manifestá-lo aos outros. Este é o primeiro testemunho da equipa que estimula os seus membros para a missão e é suporte nos seus compromissos.

II. Formar Equipa

Sabedoria Africana

(para a equipa meditar)

“Somos duma mesma família: remexei a terra, é o mesmo ceppo, apanhai a colheita, o cesto é o mesmo.”

“As disposições divinas são como o sol poente: visitam todas as portas.”

“Amemo-nos como a boca e a mão: se a mão sofre, a boca sopra-lhe, e se dói a boca é a mão que a trata.”

“Quando pomos o pé numa piroga, o outro tem de ir a seguir, já não há tempo de voltar a trás.”

Somos seis ou sete casais com um padre como Conselheiro Espiritual. Formamos uma Equipa de Nossa Senhora. Porquê esta palavra equipa?

1. Uma finalidade comum

O que caracteriza uma equipa é os seus membros terem um objectivo comum: a construção humana e cristã dos casais da equipa. A maturidade do casal importa muito a toda a humanidade; a maturidade cristã do casal importa muito à Igreja. Caminhar para a maturidade humana do casal é construir o mundo. Caminhar para a santidade do casal é construir a Igreja. E as duas coisas estão nos desígnios de Deus.

O casal que progride humana e cristãmente desenvolve a sua capacidade de serviço, de dinamismo apostólico. Embora as ENS não se proponham realizar

uma acção comum, dado não serem um movimento de acção, preocupam-se em formar casais activos na sociedade e na Igreja.

Na nossa equipa, estamos de acordo com esta finalidade? Vale a pena fazermo-nos esta pergunta.

2. Um caminho a descobrir

Que a grandeza da finalidade não nos assuste! É indiscutível que ultrapassa as nossas forças. Mas não será por isso que formamos equipa, como indica a Carta? *“Porque conhecem a sua fraqueza e os limites das suas forças, serão mesmo da sua boa vontade, porque experimentam todos os dias como é difícil viverem como cristãos num mundo pagão, e porque têm uma fé inabalável no poder da entreajuda fraterna, decidiram formar equipa.”* E Deus, por quem, afinal, formamos equipa, é o “Senhor do impossível”.

Mas nem por isso o caminho deixará de ser árduo. Cada casal, e cada um no casal, não parte do mesmo ponto, não caminha ao mesmo ritmo mas o que importa é que se esforce, que se entregue. Cada um traz consigo toda a sua bagagem de humanidade e de fé, a sua história pessoal, os seus sonhos, os seus medos. Mas também os apelos do Senhor sobre ele. Não se trata de abandonar esta bagagem mas de sabermos que ela existe.

Tudo o que somos, as nossas infra-estruturas afectivas e sexuais, que comandam mais ou menos conscientemente as nossas reacções, as nossas atitudes, os nossos pontos de vista e até as nossas ideias, é importante comprometer na aventura. Os conflitos que porventura surgirão e que será preciso gerir farão da equipa verdadeira equipa e, digamos, verdadeira comunidade cristã mas também as alegrias e os sucessos de uns e de outros, o prazer da amizade serão pontes de união e de solidificação da caminhada em equipa.

Uma comunhão

A transformação progressiva dos corações, que significa e opera a Eucaristia, termina na comunhão. Esta comunhão é o objectivo de toda a comunidade cristã. Esta união dos membros da equipa entre si é progressivamente realizada por Cristo, presente no meio dos que estão reunidos em seu nome, e em quem actua o seu Espírito. A comunhão eucarística entrega mais explicitamente ainda cada um dos membros e a própria equipa a esta acção do Espírito. Assim a equipa, na Eucaristia, celebra ao mesmo tempo o que ela é e aquilo em que se torna, uma comunidade no amor de agapé.

Uma acção de graças

A alegria brota do amor vivido. Quando a comunhão é real, a acção de graças difunde-se da pequena comunidade. Ela encontra a sua expressão perfeita na Eucaristia que significa acção de graças. Retoma as palavras de Cristo: *“Pai, dou-te graças por me teres atendido ...”* (Jo 11,41). Esta atitude fundamental de Cristo torna-se na dos discípulos reunidos na pequena comunidade e moldados pela eucaristia. Ela dá uma coloração nova e alegre à acção da equipa, que se descentraliza de si mesma para se voltar com gratidão para o Pai.

6. Uma comunidade que celebra

“Nenhuma comunidade cristã se pode construir sem encontrar a sua razão e o seu centro na celebração da Eucaristia (cf. Vaticano II - Presbyterorum ordinis nº 5). Uma ENS, que quer ser uma pequena comunidade cristã, liga-se estreitamente a Cristo eucarístico. Pode ser na ocasião da reunião, de tempos a tempos, e o padre Conselheiro Espiritual realiza aí plenamente a sua missão sacerdotal junto da equipa. Pode ser numa concentração mais vasta, no seio do Movimento, na paróquia ou noutro lado. O importante é que a equipa se aperceba do sentido da Eucaristia: uma Páscoa, uma comunhão, uma acção de graças.

Uma Páscoa

A pequena comunidade reunida em Seu nome é uma comunidade pascal, incessantemente arrancada ao mundo da servidão do pecado e introduzida na alegre liberdade dos filhos de Deus. A equipa só representa o seu papel, se ajuda os casais a saírem do egoísmo e do orgulho, para entrarem no amor e no serviço. Vivendo a Eucaristia, a equipa é mergulhada neste mistério pascal de Cristo, que a transforma e a torna verdadeiramente cristã, ou seja, de Cristo.

Recebendo o corpo e o sangue de Cristo os casais ficam comprometidos a recusar o egoísmo para viver no amor. A oferta do pão e do vinho, que precede a consagração, engloba a oferta das actividades e das passividades daqueles que participam na Eucaristia.

Já pensámos em levar assim para o altar as alegrias da nossa vida de equipa e as dificuldades que ela suporta na sua caminhada?

Assim se justificam os meios escolhidos pelo Movimento e adoptados por todos para avançarem. São simples, mas com a continuação são eficazes, com a condição de que sejam interiorizados e assimilados.

O papel da equipa aparece de novo: lembra incessantemente a sua finalidade e confronta também incessantemente a utilização e o ajustamento dos meios.

Orientados para uma mesma finalidade, apoiados nos mesmos meios, os casais da equipa podem avançar com confiança, mesmo que haja paragens e recuos. Um deles coordena esta marcha da equipa: é o Casal Responsável (ver Manual do Casal Responsável de Equipa). Mas, de facto, cada um tem a sua parte de responsabilidade na equipa, do seu avanço em direcção às finalidades propostas. O padre Conselheiro Espiritual traz à equipa a sua experiência e a sua graça sacerdotal. Encoraja-a: Avancemos!

Também Maria, nossa padroeira, sob cuja protecção nos colocamos, mãe de Jesus, Senhora do Sim e da Abnegação, será nosso modelo e nosso incentivo.

O que parece caracterizar em primeiro lugar a equipa é que, à escala humana, é, de uma certa maneira, o mais pequeno grupo humano em que se pode fazer a experiência da solidariedade, tendo consciência da nossa personalidade. Suficientemente grande para que exista a complexidade e a complementaridade dos talentos e das disposições, mas suficientemente restrita para que ninguém se sinta perdido.

A equipa é dinâmica, permitindo tanto ao grupo como ao indivíduo crescer, ser mais.

Uma primeira observação de ordem prática e resultante de uma longa experiência: nenhuma equipa pode realmente existir sem frequentes ocasiões de encontro; o ritmo mensal parece o limite abaixo do qual é praticamente impossível descer. O quadro da reunião também é muito importante: é

preciso que haja o prazer de se encontrarem, e deve cuidar-se do ambiente, do clima de comunhão, e dum certo ritual que, sem excluir a fantasia, facilita a coesão da equipa dando-lhe seriedade e segurança.

Mas vamos ao essencial. Não poderá haver equipa sem uma clara noção da sua finalidade. E a experiência prova que é necessário nunca deixar de a ir tornando cada vez mais clara. Nada se perde mais depressa no homem do que o sentido da finalidade da sua acção.

Mas não basta estar de acordo com uma finalidade; é preciso também aceitar os meios de a atingir, ter uma regra, como dizia o Padre Caffarel. Essa regra é sem dúvida susceptível de modificações, mas não poderá ser posta constantemente em questão, sem grande perigo de suprimir toda a sua eficácia. É aí que o Casal Responsável da equipa tem um grande papel a desempenhar: deve usar a sua autoridade fraterna.

Na medida em que a equipa está integrada num conjunto mais vasto, o Movimento é necessário estar perfeitamente informado da acção do conjunto, de maneira a melhor situar o esforço de cada um.

A equipa é o lugar de aprendizagem do bem comum. É preciso saber eventualmente marchar ao passo dos mais lentos, saber parar se necessário, por vezes voltar atrás; é preciso saber também sacrificar certos gostos, certas tendências pessoais que prejudicariam o conjunto. É preciso muita humildade para viver a vida de equipa. É preciso desempenharmos o nosso papel, no nosso lugar, e é curioso como isso é difícil! ...E não deixo de lembrar a lealdade elementar que exige que nos retiremos se não estivermos de acordo; e para isso também é preciso uma coragem rara.

Não podemos terminar sem sublinhar muito fortemente que não poderá haver equipa sem lealdade ao responsável da equipa. Uma vez escolhido, é preciso dar-lhe todas as oportunidades, aceitar a sua autoridade e as suas directivas. É preciso termos o sentido da equipa, orgulho de lhe pertencer, um espírito

possuímos dentro de nós, que o diálogo se tornará verdadeiro, que a oração brotará, que a amizade se desenvolverá. Mas ao longo dos anos, a pequena comunidade construir-se-á na oração e no amor, trampolim para o testemunho. A humildade do peregrino Péguy no caminho de Chartres convém à equipa de Nossa Senhora: “Não avançamos nunca senão um passo de cada vez”. Cada reunião pode ser um desses passos no caminho do amor.

Caminharmos juntos

Qualquer que seja o ponto de partida de cada um, e só Deus o conhece, a equipa propõe um caminho juntos. O itinerário pessoal do casal não é comprometido por isso: encontra aí, pelo contrário, um estímulo. Este vem menos dos conselhos ou das opiniões recebidas de uns e de outros, do que da própria vida comunitária e daquilo que assegura a sua coesão, o amor que é ao mesmo tempo a sua alma e a sua finalidade. Ora, a vida comunitária é exercício de amor. O amor é pedido por todos na oração: as intenções que a precedem, devem englobar a equipa, quer isso tenha sido expresso ou não. Ele é acolhido na escuta da Palavra. É posto em obra na “Partilha” e no “Pôr em Comum” onde cada um está atento aos outros e recebe no seu coração, não na sua cabeça e no seu julgamento, o que é dito. O próprio tema é a leitura da nossa vida à luz de Cristo diante dos outros. Assim, a equipa avança para o ideal cristão: “*Um só coração e uma só alma*” (Act 4,32).

Mas este avanço não se pode medir. Nem quanto à equipa, nem quanto a cada casal. Por vezes, pode parecer mesmo como um marcar passo. Só passados anos se pode dar conta do caminho percorrido e dar por isso graças a Deus.

A pequena comunidade cristã, por si mesma e pelos seus membros, tem uma preocupação missionária. Se ela lhe faltasse, não seria autenticamente de Cristo. Com Cristo, ela anseia por revelar o amor do Pai e por levar os homens a acolhê-lo.

5. Uma comunidade que caminha

A equipa é fundamentalmente uma comunidade de oração, de amor, de testemunho, tornando-se por isso activa. A vida da equipa é uma caminhada, a caminhada da pequena comunidade como a dos casais que a formam. Tentemos tirar disso alguns ensinamentos.

Um passo de cada vez

As condições para entrar nas ENS são reduzidas. A primeira, que diz respeito à própria essência do Movimento, é a dos esposos estarem unidos pelo sacramento do matrimónio. A segunda é terem o desejo de progredir espiritualmente em casal, com o amparo da equipa, utilizando os meios do Movimento. Este desejo é primordial. Se ele se desvanece na equipa, esta adormece ou hesita. Não é, portanto, pedido um “nível” de partida, não há exame de entrada. Todo o casal que tem esse desejo encontra lugar nas Equipas de Nossa Senhora.

A equipa vem fortalecer esse desejo e ajudar à sua realização. A força da equipa é a sua duração porque se trata de uma longa marcha, semeada de obstáculos, em que a perseverança dá mais resultados do que as proezas dum momento.

Cada um, cada casal, vem para a equipa com os seus dons, que põe ao serviço de todos, mas também com as suas dificuldades, que podem travar o avanço. Partir desta realidade é a primeira sabedoria. Não se constrói nada sobre o imaginário. Não é numa reunião que cairão as defesas que todos

de entreajuda, uma solidariedade que se traduzirão pela atenção aos outros, pela submissão ao bem comum, pela integração da nossa própria acção no conjunto, etc...

Michel Rigal

III. Eu Estou Convosco

Formar equipa no seio das Equipas de Nossa Senhora é querermos tornar-nos uma comunidade cristã, sob o modo particular de um grupo de casais com um Conselheiro espiritual. Mas o que é uma comunidade cristã? Para bem o compreendermos, olhemos para Cristo, que é ao mesmo tempo a sua origem e o seu centro. É no seu coração, cheio do amor do Pai, que ela germina. É no desenvolvimento da sua vida pública que ela toma forma. É pelo envio do Espírito que ela encontra a sua realização e a sua missão.

1. O Coração de Cristo

O impulso profundo de um ser é o amor. Quem detectou o amor de alguém desvendou o segredo da sua vida: os seus mínimos gestos tomam um sentido, isto é, um significado e uma orientação. A questão que se nos põe em primeiro lugar é portanto: qual é o amor que enche o coração de Cristo, esse amor que suscitará a comunidade?

Eu amo o Pai

Não é difícil responder. O próprio Cristo o diz: *“mas o mundo tem de saber que Eu amo o Pai”* (Jo 14,31). Assim fala ele aos seus discípulos, na intimidade da última refeição, durante essa conversa, de coração nas mãos, que é como que o seu testamento. Eis revelado o seu grande segredo! Uma única paixão o consome: o amor do Pai.

Em verdade, não compreendemos nada da vida de Cristo se não nos colocarmos nesta perspectiva central do seu amor ao Pai.

O Pai ama-me

No entanto, este jorro de amor é somente uma resposta. A fonte está no Pai. O amor de Cristo pelo seu Pai não é senão o eco maravilhado do amor do

reina verdadeiramente o amor de Cristo? No Reino misterioso de Deus o Espírito Santo, que dá forma à pequena comunidade, faz-lhe dar fruto duma maneira que habitualmente nos escapa.

Os compromissos dos casais

Esse testemunho discreto da equipa prolonga-se e explicita-se nos compromissos dos casais que a compõem. É pelo dinamismo recebido e renovado na equipa, sem excluir outras fontes, que cada casal é levado a viver a sua vida quotidiana numa perspectiva apostólica e a comprometer-se mais ao serviço da Igreja e da humanidade.

Sobre este ponto, é necessário lembrar certas verdades essenciais. O compromisso fundamental do casal e dos seus membros é a sua vida quotidiana com todas as suas componentes. Mas o casal contribui para a evangelização, não só de si mesmo e dos seus filhos, como também do seu meio.

O quotidiano pode ser de tal modo absorvente, ao menos em certos períodos da vida do casal que tire a possibilidade de um compromisso exterior. A equipa será um lugar privilegiado de discernimento sobre esse ponto. O casal poderá ouvir com atenção os vários apelos que não deixam de ecoar hoje, e através dos quais o próprio Cristo nos convida a trabalhar: *“A seara é abundante e os operários são poucos”*.

Cada casal responderá segundo as suas aptidões e os seus carismas. Nas ENS é deixada toda a liberdade ao casal na escolha dos seus compromissos. Todavia, seguindo os convites que lhes dirigiram os últimos Papas, o Movimento chama a atenção dos seus membros para o campo privilegiado que é para eles a família...Para essa escolha dos compromissos, a equipa tem também a sua palavra a dizer (ver *“A reunião de equipa”*, sobretudo a propósito do *“Pôr em Comum”*).

Perdoar-se

Não sejamos idílicos. A vida de equipa não é isenta de dificuldades. Os temperamentos, as formações, as ideias não são forçosamente as mesmas. Podem produzir-se atritos, ofensas mesmo involuntárias. Alguns vêm para a equipa com problemas afectivos sérios, complexos, desequilíbrios mais ou menos acentuados. São acidentes normais na nossa vida. E é preciso tempo e paciência para que eles se resolvam. Mas isso pode tornar a vida da equipa difícil em certos momentos, ou para certos casais. É então, sem dúvida, que é chamado a triunfar o amor cristão. Uma das suas características essenciais é a capacidade de perdoar, segundo o convite de Cristo e a seu exemplo. Perdão que nunca é só num sentido. Todos temos alguma coisa de que pedir perdão, numa ou noutra ocasião. A vitalidade cristã da equipa pode medir-se pela sua aptidão para o perdão, sinal de amor que vem do alto.

4. Uma comunidade que testemunha

Acolher o amor dado por Deus e viver dele conduz a manifestá-lo aos outros. Tal é o primeiro testemunho da equipa. Além disso, ela estimula os seus membros para a missão e é suporte nos seus compromissos.

Sermos testemunhas juntos

O sentido corrente da palavra testemunha, alguém que viu e que fala, corre o risco de nos enganar sobre o testemunho da fé. Não se trata primeiro de falar, esse é o segundo tempo, mas de viver. O testemunho da equipa deve ser essencialmente o da vida. Uma equipa de Nossa Senhora esforça-se por viver concretamente o amor de Deus nas relações fraternais, em que florescem a entejuda e o perdão, na alegria da festa.

Irradiação restrita, podemos pensar. É verdade, se olharmos apenas o exterior. Mas poder-se-á sondar a influência real de uma comunidade em que

Pai: “*meu Pai me tem amor*” (Jo 10,17). Ser amado, eis o que ilumina a existência de um ser e lhe permite amar por sua vez. Cristo não está isento desta condição: “*Eu não estou só, o Pai está comigo*” (Jo 16,32). Cristo vive deste amor do Pai e manifesta-o muito concretamente, amando os homens.

Como o Pai me amou assim eu vos amei

Porque o seu Pai o ama e ele ama o seu Pai, Cristo ama os homens. Porque o Pai os ama, Cristo ama-os com o próprio amor do Pai. Este amor que o envolve como “Filho muito amado”, envolve nele todos os homens: “*Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós*” (Jo 15,9). Com a mesma gratuidade, com o mesmo absoluto. “*Ninguém tem mais amor do que quem dá a vida pelos seus amigos*” (Jo 15,13). Ao morrer na cruz, Cristo testemunha que amou até ao limite extremo do amor, do amor sem medida que ele tem pelo Pai e pelos homens que o Pai ama.

Como irá tal revelação e tal dom caminhar no mundo através do espaço e do tempo? Por meio de uma comunidade “reunida em nome de Cristo”.

2. Cristo forma uma comunidade

Cristo está impaciente por dar a conhecer aos homens o amor do Pai. Irá ele, portanto, pregar ao mundo inteiro? De maneira nenhuma. Limita-se à sua pequena pátria. E se se dirige a todos os seus compatriotas é para conquistar alguns. Para, desses discípulos que se afeiçoam a ele, formar uma pequena comunidade à roda da sua pessoa. E a esta frágil comunidade ele vai confiar o seu segredo de amor, para que ela o viva e transmita.

Vem e segue-me

Se há uma preocupação constante em Cristo, que aparece no Evangelho, é a de reunir discípulos em comunidade à sua volta. Essa preocupação predominante não é estranha ao amor que enche Cristo, que O inspira. Mas o

amor não se impõe, propõe-se. É por isso que a constituição do pequeno grupo de fiéis parte dum apelo pessoal.

Semear a Palavra, anunciar o Reino é já um apelo. Uns ouvem-na, outros rejeitam-na. Entre os que a acolheram, Cristo escolheu alguns, aos quais faz um convite directo e pessoal: “Vem, e segue-me” (Mc 10,21).

Amai-vos uns aos outros como eu vos amei

Cristo reúne discípulos à sua pessoa e assim os une entre si, para lhes revelar o amor do Pai por eles e lhes comunicar o seu próprio amor: “*Assim como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós... que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei*” (Jo 15,9; 13,34).

É ao mais íntimo do homem que Cristo se dirige, a esse fundo da alma onde o conhecimento é amor. Um tal amor ultrapassa infinitamente aquele que experimentamos ao nosso nível de homens, é o amor do Pai e do Filho no Espírito, no seio da Trindade. É um amor duma profundidade, duma totalidade, dum desinteresse inimagináveis...

Este amor torna-se a vida dos discípulos, o princípio da sua unidade. Na tarde solene da última refeição, é essa unidade no amor que Cristo pede ao Pai para os seus! “*que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em Ti*” (Jo 17,21).

Como o Pai me enviou, assim eu vos envio

Uma comunidade que vive dum amor assim, dá forçosamente testemunho desse amor. Quando Cristo ora ao Pai pela unidade dos seus discípulos no amor, é para que “*o mundo creia*” (Jo 17,21). Levar a revelação de Cristo ao mundo só pode fazer-se através dos homens que a vivem no seio de comunidades autênticas.

A comunidade não tem a sua finalidade em si mesma. Existe certamente para sustentar os seus membros. Mas existe ainda mais para os ajudar a cumprir a

Amar-se

A amizade que vai nascendo entre os casais da equipa, ajuda as relações, as trocas de pontos de vista, a partilha. Dá-nos a alegria de nos reencontrarmos, na reunião ou fora dela, de darmos notícias uns aos outros, de prestarmos serviços. A amizade é um ganho precioso da equipa.

Todavia a equipa de Nossa Senhora visa uma qualidade de relação que ultrapassa a simples amizade, porque se enraíza no dom de Deus. É o próprio amor de Deus que circula nela. E a equipa visa este amor, ela caminha modestamente para ele. A amizade entre os casais é por ele transfigurada.

Entreajudar-se

A amizade impregnada do amor de agapé traduzir-se-á, na equipa, pela entreajuda. A entreajuda espiritual em primeiro lugar. Veremos isso em detalhe ao falarmos na reunião de equipa (Documento ENS). Mas a entreajuda ultrapassa a reunião. Suscita a preocupação pela equipa em cada casal. Torna atento cada um dos membros à vida dos outros, às suas preocupações, aos seus lutos, às suas alegrias. Alarga-se à entreajuda material: guarda de crianças, ajuda num trabalho, por vezes auxílio pecuniário, etc. “Ponde-vos ao serviço uns dos outros” diz S. Paulo.

Este amor activo que une os casais da equipa expande-se na festa. É corrente e é normal que os casais se convidem uns aos outros para as suas festas que marcam a vida familiar ...A alegria partilhada redobra e tece entre os casais laços mais estreitos. Esta face sorridente da vida da equipa tem o seu papel e se as ocasiões não se apresentarem, é preciso inventá-las. É este o sentido das reuniões de amizade, tão faladas, que revestem formas bem diversas: à volta de uma mesa, para um espectáculo ou uma viagem, etc. A imaginação do amor não falta neste domínio.

Fora da reunião, os membros da equipa são ainda chamados a serem assíduos à Palavra: pela leitura pessoal e pela meditação, no decurso das quais a semente germina e dá fruto. Quando a Palavra de Deus ressoa, é o próprio Deus que fala, é Cristo que está lá.

Mas a Palavra pede da nossa parte uma resposta: *“Felizes, antes, os que escutam a Palavra de Deus e a põem em prática”* (Lc 11,28). Na boa terra de uma comunidade autenticamente cristã, a Palavra semeada é “acolhida e dá fruto” (Mc 4,20). O seu primeiro fruto é a oração.

A oração

A oração estabelece um diálogo com Deus, um diálogo de amor. Deus fala pelo seu Filho, a comunidade responde pela sua adesão a Cristo. Escuta e resposta tornam-se uma atitude permanente e intrínseca da comunidade e dos seus membros.

Pela oração fazemos nossas as atitudes interiores de Cristo. Por ele, com ele e nele adoramos o Pai, louvamo-lo, damos-lhe graças, intercedemos pela nossa pequena comunidade, pelo nosso Movimento, pela Igreja, por todos os homens.

Será que nas nossas equipas se exprimem todas estas facetas da oração? Será que o louvor, sobretudo, tem aí o seu lugar, a exultação de quem toma consciência do amor de que Deus o cumulou? A Virgem Maria deu-nos a esse respeito o maravilhoso cântico do Magnificat!

3. Uma comunidade que ama

A oração põe a equipa em comunicação com a fonte do amor que é Deus. Assim, a equipa torna-se, a pouco e pouco, uma comunidade fraterna, onde nos amamos, nos entremos, nos perdoamos.

sua missão: testemunhar. Cristo, que forma longamente os seus discípulos para viverem juntos, forma-os também para a missão. Associa-os ao seu próprio ministério. É assim que os envia, dois a dois, para anunciarem a vinda do Reino (Lc 10,1). Dá-lhes instruções precisas (Mt 10) e é no amor do Pai que se enraíza esta missão: *“Assim como o Pai me enviou, também Eu vos envio a vós”* (Jo 20,21) e também: *“Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos.”* (Mt 28, 19-20).

3. O Dom do Espírito

Cristo acaba de subir ao céu. Os seus discípulos entram pensativos em Jerusalém. Falta-lhes ainda ultrapassar uma etapa decisiva para serem essa comunidade desejada por Cristo portadora e semeadora da sua alegre nova. Falta-lhes receber o Espírito Santo prometido por Jesus. E dá-se o Pentecostes, a erupção do Espírito de Fogo: a pequena comunidade torna-se Igreja. Debrucemo-nos um instante sobre esta comunidade saída do Pentecostes, uma comunidade que reza, uma comunidade que ama, uma comunidade que dá testemunho.

Assíduos à oração

“Eram assíduos ...às orações”, dizem os Actos dos Apóstolos (2,42). E ainda: *“louvavam a Deus...”* (2,47). Encontra-se ao longo de todo o relato esta atitude fundamental de acolhimento e de louvor de uma comunidade que reza.

Muito naturalmente, a oração desta primeira comunidade decorre em formas judaicas: os salmos, que foram também a oração de Jesus, fornecem a sua expressão espontânea. Mas os salmos tomam para eles um sentido novo:

eles conhecem Aquele que os salmos designam obscuramente, Cristo enviado pelo Pai para salvar os homens.

Esta oração torna-se mais profunda pela escuta da Palavra. Esta primeira comunidade bebe-a na fonte, sendo “assídua ao ensinamento dos Apóstolos”. Assistidos pelo Espírito, são eco directo da Palavra encarnada, Cristo Jesus. É a voz deles que continua hoje a ressoar na Igreja.

Mas fazem mais do que redizer a Cristo, tornam-no presente na Eucaristia, onde se opera, o mais profundamente possível, a unidade da comunidade: “*Eram assíduos à fracção do pão*” (Act 2,42).

Um só coração

O dom do Senhor, acolhido na oração e celebrado na eucaristia, modela a pouco e pouco a comunidade e permite-lhe viver nesse amor que Cristo veio espalhar sobre a terra como um fogo. No entanto, não formemos uma imagem idílica desta primeira comunidade. Ela é composta por homens e por mulheres com os seus defeitos e os seus limites. Não era fácil poderem viver juntos e amarem-se. O testemunho mais espantoso da acção do Espírito Santo foi, precisamente, fazer deles uma comunidade regida pelo amor.

E o que o autor dos Actos nos quer fazer perceber é que toda a comunidade que diz ser de Cristo deve encaminhar-se para um comportamento fraterno semelhante ao d’Ele. “*eram assíduos à união fraterna... todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum. Vendiam terras e outros bens e distribuíam o dinheiro por todos, de acordo com as necessidades de cada um*” (Act 2,42,44), “*Ninguém chamava seu ao que lhe pertencia, mas entre eles tudo era comum.*” (Act 4,32).

Mas é possível resistir ao Espírito Santo. E eis as sombras. As imperfeições são normais. É preciso tempo para conseguir uma conversão. Como Cristo educou pacientemente os seus discípulos, a comunidade cristã tem por tarefa

a esclarecer, a suportar na sua marcha. A entreatada, fundamental na pequena comunidade, é também ao nível da fé. Cada casal vem para a equipa com o que recebeu e acolheu do dom do Senhor. Dá aos outros, e recebe deles, cada um fortalece os seus irmãos e deixa-se fortalecer por eles.

Cristo está presente

Cristo está presente na equipa segundo a sua promessa: “Quando dois ou três se reunirem em meu nome, eu estarei no meio deles”. Cristo vivo e ressuscitado, que nos prometeu: “Eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo”. Se Cristo está presente, ele age, anima a equipa e cada um dos seus membros pelo seu espírito.

O trabalho do espírito é silencioso e invisível, mas é verdade que uma equipa de Nossa Senhora é autenticamente comunidade cristã se reza, ama, testemunha, caminha e celebra.

2. Uma comunidade que reza

A nossa equipa existe, como comunidade cristã, se reza. Rezar é para ela uma necessidade vital. A oração põe a comunidade numa atitude de acolhimento em que a oração é escuta, antes de ser louvor e pedido.

A escuta da Palavra de Deus

Não podemos minimizar o lugar que tem e deve ter a Palavra de Deus numa pequena comunidade cristã. Quanto mais ela é viva, tanto mais é ávida dessa Palavra “que não passa” (Mt 24,35). A nossa equipa dá testemunho da sua vitalidade cristã pela fome e sede da Palavra de Deus que manifesta.

A nossa pequena comunidade põe-se à escuta da Palavra para melhor compreender e desvendar juntos a vontade de Deus.

É aceitarmos sempre fazer um bocado do caminho com todos e com cada um, aceitando-os a todos; não exceptuando nenhum a ponto de que todos possam sentir-se amados por si mesmos, tais como são.

É de tal forma irradiarmos a caridade que a nossa presença seja para os outros um apelo a ultrapassarem-se, ao perdão, à amizade.

F. Dupire

1. Uma comunidade que acredita

Uma Equipa de Nossa senhora é uma pequena comunidade cristã. Entra-se numa comunidade cristã pela fé: fé em Cristo ressuscitado e vivo que convoca a comunidade e que a anima pelo seu Espírito.

Cristo chama

Cristo chamou o nosso casal para esta equipa. Este apelo particular inscreve-se no apelo global: “Vem e segue-me”, que está na origem da vocação cristã. A resposta é a fé. O sinal sacramental é o baptismo para cada um e o matrimónio para o casal. No seio da grande comunidade, a Igreja, o apelo do casal à equipa dá uma forma particular, entre outras, à vida comunitária na Igreja, para viver melhor o baptismo e o matrimónio.

Estes dois níveis de vida comunicam e enriquecem-se mutuamente. Mas, estes apelos não são do mesmo nível. O apelo à vida cristã é absolutamente fundamental. O apelo à vida conjugal é já uma vocação particular, embora seja a mais frequente.

O apelo à equipa é apenas um meio ao serviço dos outros dois.

Dizer que a fé é necessária para entrar nas equipas não significa que essa fé deve ser já muito desenvolvida nem muito forte. Pode ser embrionária, hesitante, assaltada de dúvidas. A equipa existe precisamente para a ajudar,

educar os seus membros a viver segundo o Espírito e segundo o amor que é o seu primeiro fruto. À medida que cresce este amor, a comunidade torna-se um sinal vivo do reino: testemunha este amor.

Vede como eles se amam

A irrupção do espírito provoca um dinamismo prodigioso no pequeno grupo de discípulos, até ali tímido e receoso. Assistimos à sua espantosa fecundidade e vemos-la crescer a olhos vistos: “naquele dia, juntaram-se a eles cerca de três mil pessoas” (2,41). “E o Senhor aumentava, todos os dias, o número dos que tinham entrado no caminho da salvação” (2,47). “Sempre em maior número, juntavam-se, em massa, homens e mulheres, acreditando no Senhor” (5,14). “e o número dos discípulos aumentava consideravelmente em Jerusalém...” (6,7).

A acção do Espírito, nestes primeiros tempos, é indiscutível. Mas passa pelos homens. O Espírito de Deus não é menos poderoso e actuante hoje do que outrora, mas encontrará ele bastantes comunidades que o acolham e o deixem agir verdadeiramente nelas e por elas?

A comunidade é a base de partida e de regresso. Como resulta claramente de várias passagens dos Actos (sobretudo 13, 1-3 e 14,27). A comunidade forma os seus membros, apercebe-se dos seus apelos, envia-os em missão, ampara-os com a sua oração e a sua solicitude fraterna, acolhe-os no regresso para ouvir os seus relatos e tudo transformar em louvor ao Senhor. Ela é o meio vivo e reconfortante em que se retempera o apóstolo, em que ele vive e celebra o que noutros lugares anuncia. Mais ainda: na medida em que ela está de harmonia com o Espírito, ela própria é missionária. É o sentido profundo da exclamação que Tertuliano põe na boca dos pagãos, espantados com a vida destas primeiras comunidades cristãs: “Vede como eles se amam”.

Notemos um último aspecto desta expansão primitiva da comunidade cristã. Os que anunciam a Boa Nova procuram menos converter indivíduos isolados do que implantar por todo o lado comunidades de crentes, que se encarregam por sua vez da acção missionária. Assim, sob a acção do Espírito ...Multiplicam-se, as comunidades a que Paulo chama "Igrejas". A sua rede estende-se, e uma mesma vida une todas estas pequenas "Igrejas" na grande Igreja: a própria vida de Deus que é Amor.

Se certos cristãos vivem em equipa, é antes de tudo para serem, juntos, uma resposta ao desejo de amor que Cristo manifestou aos cristãos: reúnem-se para viverem, tão profundamente quanto lhes for possível, o verdadeiro amor de Cristo, o verdadeiro amor pelos outros.

"Se dois ou três estiverem reunidos em meu nome..." (Mt 18,20). Reunimo-nos para fazermos um com Cristo, que pode mudar o mundo. Uma fragilidade para a equipa seria contentarmo-nos com a amizade, a camaradagem, o afecto; é preciso que seja o amor de Cristo a soldar-nos uns aos outros. A sorte da equipa é encontrar pessoas que estejam decididas a amarem-se juntas, até ao fim. Para que se faça o Reino de Deus é preciso que haja unidade: uma equipa viva é uma pequena parcela do Reino de Deus.

A unidade não é uniformidade: temos sempre mais ou menos a tentação da unidade confortável, em que toda a gente teria vontade de fazer tudo da mesma maneira e ao mesmo tempo. É preciso tentar, pelo contrário, ver a personalidade de cada um no Senhor e não ter ideias preconcebidas acerca dos outros.

O mundo tem direito às nossas equipas sãs e santas, quando uma equipa deixa de o ser, é a presença do Senhor que desaparece...Não há receita para sermos alguém que ama; só indo até ao coração de Cristo encontraremos o meio de o ser. Tudo o resto não passa de truques.

Madeleine Delbrel

IV. Reunidos em nome de Cristo

O envio do Espírito constitui a Igreja que é uma comunidade de comunidades. As comunidades, maiores ou menores, que a compõem são muito diversificadas e desempenham funções diferentes. Mas cada uma participa na plenitude da vida que anima a grande comunidade. Uma Equipa de Nossa Senhora é uma dessas comunidades.

A equipa tem da Igreja o que faz a sua realidade profunda e a sua vida: o amor do Pai, revelado por Cristo e dado pelo Espírito. É este amor recebido, vivido e apreciado na fé que é a alma de toda a comunidade cristã. Este amor é dom vivo e vivificante, inaugurando um caminho a percorrer. Ele é celebrado e acolhido muito especialmente na Eucaristia.

Ser Acolhedor

É escutarmos incansavelmente.

É esforçarmo-nos sempre por nos pormos no lugar dos outros para os compreendermos, sofreremos com os seus sentimentos, alegrarmo-nos com a sua alegria.

Não é deixarmo-nos submergir com os outros nas suas amarguras, na sua má tristeza, mas tentarmos sempre, com delicadeza, fazê-los sair disso, libertando-os de si mesmos e ajudando-os a encontrar o seu verdadeiro eu.

É em todas as circunstâncias, sermos profundamente verdadeiros e autênticos nas nossas apreciações, nas nossas palavras e nas nossas acções;

Não dizermos sempre o que pensamos, mas sempre pensar o que dizemos;

e portanto não usarmos de fingimento por orgulho, vaidade ou desânimo.

Não manifestarmos enervamento quando somos procurados, e nenhuma amargura quando não somos procurados.